

www.autoresespiritasclassicos.com



DR. HYPOLITE BARADUC

O GRANDE FOTÓGRAFO DO INVISÍVEL

(1850-1902)

O Dr. Hyppolite Baraduc, foi um dos grandes médicos que foram especialistas em doenças nervosas.

Os seus estudos sobre a histeria e os seus métodos terapêuticos tiveram grande autoridade até o dia em que conheceu a fotografia, quando as coisas oscilaram, quando os fantasmas vieram ao seu encontro nas suas fotografias.

Um dia, fotografou junto a uma janela o seu próprio filho Andre que segurava um faisão morto há pouco tempo.

A fotografia revelada era uma espécie de nuvem vaporosa, curva, desdobrava-se em leque ao redor da criança com o faisão que parecia fugir pela janela.

O Dr. Baraduc viu ali pela primeira vez a aura de uma alma sensível (com

uma placa) – a da criança impressionável (como os histéricos), cujos estados de alma podem se inscrever na placa fotográfica.

"Obtive fotografias de amor, ódio, alegria, tristeza, medo, compaixão, piedade, e etc."

Esse véu, essa velação, esse espectro, Baraduc decidiu lê-lo como a marca da imagem de uma “graça”, como o traço de um “luz invisível”, como um fantasma de um pensamento e de um sentimento experimentado por um indivíduo em um dado momento. Eis a experiência inaugural.

Afinal, o véu dessa luz invisível, que é a “luz da alma”, Baraduc vai, a partir de então, perseguir sistematicamente, tentar o tempo todo suscitá-lo e reproduzi-lo experimentalmente.

Depois vai descrever e catalogar as auras provocadas e fotografadas dessa maneira, de acordo com sua forma, sua textura, sua densidade, sua distribuição etc.

O Dr. Baraduc vai elaborar aos poucos uma “teoria dos espectros” e denominando mil conceitos diferentes: força curva, força vital, nimbo e etc.

A vida deste pesquisador espírita vai comprovar a imortalidade alma humana em sua própria família com a morte de seu filho André-Joseph Baraduc e de sua mãe e a esposa madame Baraduc em curto espaço de tempo.

O seu filho morreu a 25 de agosto de 1907 durante a peregrinação a Lourdes.

Nove horas após a morte de André, o Dr. Baraduc tirou a primeira fotografia do caixão em que o corpo foi depositado. Quando esta placa foi desenvolvida, descobriu-se que, emanando do caixão, era uma massa sem forma, enevoadada e ondulada, irradiando em todas as direções com força considerável, impondo os corpos daqueles que chegaram perto do caixão, como atraídos por alguma força magnética.

Em uma ocasião, de fato, a força desta emanção fluídica projetada foi tão grande que o Dr. Baraduc recebeu um choque elétrico da cabeça aos pés, o que produziu uma vertigem temporária.

Com a morte de sua esposa o Dr. Baraduc preparou uma câmera ao lado da cama de sua esposa e, no momento de sua morte, fotografou o corpo. Ao encontrarem-se três globos luminosos descansando alguns centímetros

acima do corpo. Estes gradualmente se condensaram e se tornaram mais brilhantes.

Raios de luz, como fios finos, também foram vistos a correr de um lado para outro. Um quarto de hora depois da morte de sua esposa, o Dr. Baraduc tirou outra fotografia. Observou-se que os cabos fluídicos se desenvolveram, cercado parcialmente esses globos de luz.

Às três horas no horário da tarde, ou uma hora depois da morte, outra fotografia foi tirada. Verá a partir desta fotografia que os três globos de luz se condensaram e se juntaram em um, obscurecendo a cabeça de Madame Baraduc e se desenvolvendo em direção à direita.

Os cordões foram formados na forma de uma figura oito, fechados na parte superior e abertos no ponto mais próximo do corpo. Assim, à medida que o globo se desenvolve em uma direção, as cordas parecem tornar-se mais tensas e puxar na direção oposta. A separação se torna cada vez mais completa, até fechado no topo e aberto no ponto mais próximo do corpo. Assim, à medida que o globo se desenvolve em uma direção, as cordas parecem tornar-se mais tensas e puxar na direção oposta.

A separação se torna cada vez mais completa, até fechado no topo e aberto no ponto mais próximo do corpo. Assim, à medida que o globo se desenvolve em uma direção, as cordas parecem tornar-se mais tensas e puxar na direção oposta. A separação se torna cada vez mais completa, finalmente, três horas e meia após a morte, um globo bem formado descansava acima do corpo, aparentemente mantido unido pelas cordas circulares, luminosas, que também parecia guiá-lo e controlá-lo.

Neste momento, o globo se separa do corpo e, guiado pelas cordas, flutua no quarto do Dr. Baraduc. Ele sente uma brisa gelada e fria, que parece cercar e causar a luz da bola de luz. Em seguida, flutua e desaparece.

(*) Baraduc Hippolyte - Mes morts leurs manifestations.

Desse modo, por meio de repetições, aproximações e recortes sucessivos, pode constituir-se uma espécie de tipologia dos espectros. É esse o trabalho da fotografia supra-sensível das forças vitais.

Dr. Baraduc efetuou, no espaço de dez anos, mais de duas mil experiências que lhe permitiram estabelecer, com a mais rigorosa exatidão, a existência dessa força vital.

Fontes: Bibliothèque Nationale de France